Annona cacans Warm.

(araticum cagão, coração de boi, cortição)

Família: Annonaceae

Endêmica: não[3]

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica[3]

Recomendação de uso: Silvicultura

Coração de boi ou araticum cagão como é conhecida, é uma árvore que apresenta até 25 metros de altura. Sua madeira é usada na fabricação de caixotes, forro e confecção de brinquedos. Os frutos são muito saborosos e quando consumidos em grande quantidade, possuem efeito laxante, justificando o nome popular de araticum cagão. Trata-se de uma espécie ornamental para cultivo em áreas urbanas. Suas flores são avermelhadas e polinizadas por besouros.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (brinquedos, caixotaria, celulose e papel, forro e teto), produtos não madeireiros (alimentação humana, recurso para fauna, ornamental)[4,2,1]

Características gerais

Porte: altura 10.0-25.0m DAP 20-100cm[4,5]

Cor da floração: vermelha[4]

Cor avermelhada ou castanha.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida[1,5]

A maior produtividade volumétrica observada em plantios foi de 14.65 m³/ha/ano aos 7 anos (CARVALHO 1994).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua[4,1,6]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa[1]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto[5]

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Baga)[7]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[5]

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas[11]

Área com inundação temporária e áreas bem drenadas, não alagáveis.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial[5,4,10,1]

Polinizadores: Principalmente por besouros.[9,4]

Período de floração: outubro a dezembro[5,6]

Outubro a dezembro (CARVALHO, 1994); outubro a novembro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Zoocórica[9,10,8,5]

Agentes dispersores: Aves, répteis e mamíferos, principalemente, a anta (Tapirus terrestris) e a paca (Agouti paca).[2]

Período de frutificação: novembro a fevereiro[7,1,5,8]

Fevereiro a março (CARVALHO, 1994); Novembro (SPINA 2001).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo[5]

Colher os frutos diretamente da árvore quando maduros, ou recolhê-los no chão após a queda espontânea. Os frutos devem ser triturados, macerados e lavados para separá-la a semente da polpa. (CARVALHO, 1994)

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Escarificação mecânica[1,4]

A semeadura em viveiros requer escarificação das sementes.

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais[5,1]

Recipientes individuais (CARVALHO, 1994); semeá-las em canteiros ou diretamente em recipientes individuais (LORENZI, 2002).

Tempo de germinação: 40 a 80 dias[1,4]

Taxa de germinação: 5 a 50%[4]

Número de sementes por peso: 5370/kg[1,5]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[1]

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[2] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

[3] MAAS, P.; LOBÃO, A.; RAINER, H. Annonaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2013.

[4] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[5] CARVALHO, P. E. R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA – CNPF; Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994. 640 p.

[6] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[7] SANTOS, K. dos. Flora arbustivo-arbórea do fragmento de floresta estacional semidecidual do Ribeirão Cachoeira, Campinas, SP. 1998. 266 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

[8] SPINA, A. P.; FERREIRA, W. M.; LEITÃO FILHO, H. F. Floração, frutificação e síndrome de dispersão de uma comunidade de floresta de brejo na região de Campinas (SP). Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 3, p. 349-368, 2001.

[9] YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

[10] ARZOLLA, F. A. R. D. P.; VILELA, F. E. S. P.; PAULA, G. C. R.; SHEPHERD, G. J. Regeneração natural de clareiras de origem antrópica na Serra da Cantareira, SP. Revista do Instituto Florestal, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 155-169, jun. 2010.

[11] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.